

# Sincretismo religioso materializado no espaço: análise semiótica do *Santuario de Nuestra Señora de las Nieves y Beata Laura Vicuña*

Valdenise Leziér Martyniuk\*

## Resumo

O artigo explicita os efeitos de sentido materializados no espaço arquitetônico, religioso e turístico do *Santuario Nuestra Señora de las Nieves y Beata Laura Vicuña*, na cidade de Junín de los Andes, Patagônia, Argentina, região marco da colonização europeia que reduziu drasticamente a população mapuche. A igreja mescla singularmente elementos das duas culturas. À observação participante seguiu-se a análise de sentido fundamentada na semiótica de Greimas e Courtés, Floch e Landowski, homologando axiologia e figuratividade, assim como expressão e conteúdo. Tomando o sincretismo das linguagens verbal, visual, material e gestual e o semissimbolismo, compreendemos as relações estabelecidas no templo, em contraponto aos conflitos multiculturais em evidência no contemporâneo.

**Palavras-chaves:** *Santuario Nuestra Señora de las Nieves y Beata Laura Vicuña*; Espacialidade; Colonização espanhola do povo mapuche; Sincretismo.

## Religious Syncretism Materialized in Space: Semiotic Analysis of *Santuario De Nuestra Señora de las Nieves y Beata Laura Vicuña*

### Abstract

The article explains the effects of meaning materialized in the architectural, religious, and touristic space of the *Santuario Nuestra Señora de las Nieves y Beata Laura Vicuña*, in

---

\* Pós-doutora em Comunicação pela USP, Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP; pós-graduada em Marketing pela ESPM; graduada em Comunicação Social, Publicidade e Propaganda pela PUCAMP. Professora universitária há mais de 20 anos, atuando nos cursos de pós-graduação em Comunicação e Semiótica, MBA em Marketing, graduação em Administração de Empresas e Publicidade e Propaganda da PUC/SP e de pós-graduação em Marketing de Varejo do Senac/SP e de Comunicação e Retórica no Centro Universitário Belas Artes. Pesquisadora do Centro de Pesquisas Sociosemióticas (PUC/SP-USP) e do GEMA, Grupo de Estudos da Marca (PUC-SP).

the city of Junín de los Andes, Patagonia, Argentina, a landmark region of European colonization that drastically reduced the Mapuche people. The church uniquely blends elements of both cultures. The participant observation was followed by an analysis of meaning based on the semiotics of Greimas, Courtés, Floch and Landowski, which ratifies axiology and figurativity, as well as expression and content. By taken verbal, visual, material, and gestural languages syncretism, and semi-symbolics, we could understand the intersubjective relations established in the temple, in contrast to the multicultural conflicts in evidence in the contemporary.

*Keywords:* *Santuario Nuestra Señora de las Nieves y Beata Laura*; Spatiality; Spanish colonization of the Mapuche people; Syncretism.

## **Sincretismo religioso materializado en el espacio: análisis semiótico del Santuario de Nuestra Señora de las Nieves y Beata Laura Vicuña**

### **Resumen**

El artículo explica los efectos del significado materializado en el espacio arquitectónico, religioso y turístico del *Santuario Nuestra Señora de las Nieves y Beata Laura Vicuña*, en la ciudad de Junín de los Andes, Patagonia, Argentina, una región histórica de colonización europea, que redujo drásticamente la población mapuche. La observación participante fue seguida por el análisis de significado basado en la semiótica de Greimas y Courtés, Floch y Landowski, homologando axiología y figuratividad, así como expresión y contenido. Tomando el sincretismo de los lenguajes verbales, visuales, materiales y gestuales y el semi-simbolismo, entendemos las relaciones establecidas en el templo, en contraste con los conflictos multiculturales en evidencia en lo contemporáneo.

**Palabras clave:** *Santuario Nuestra Señora de las Nieves y Beata Laura Vicuña*; Espacialidad; Colonización española del pueblo mapuche; Sincretismo.

### **Introdução**

A caminho do vulcão Lanin, pela Ruta 40, aos pés da Cordilheira dos Andes, na região dos lagos andinos, uma pequena cidade argentina chamada Junín de los Andes sedia o *Santuario Nuestra Señora de las Nieves y Beata Laura Vicuña*. O nome do local já instiga a curiosidade que faz desse lugar um ponto importante do turismo religioso e ecológico local, embora pouco visitado, uma vez que as maiores atrações da região se concentram na cidade de San Carlos de Bariloche, com sua tradição turística por conta dos esportes da bela e romântica paisagem de inverno ou da igualmente bonita ambientação dos lagos azuis melhor vistos no degelo no verão, da gastronomia, da elegância dos habitantes e visitantes (Figura 1).



**Figura 1** – Localização da cidade de Junín de Los Andes, na Rota 40, partindo da cidade de San Carlos de Bariloche em direção ao Vulcão Lanín, próximo à fronteira da Argentina com o Chile na região dos Andes.  
Fonte: Captura de tela do Google Maps. Acesso em: 15 jan. 2020.

A região do grande lago glacial argentino Nahuel Huapi (com extensão de mais de 500 km<sup>2</sup>) e fronteiriça com o Chile guarda muito conhecimento sobre sua história, originada pela presença do povo mapuche e fortemente modificada pela colonização espanhola. Segundo Clemente Isidoro Dumrauf (2007), nesses quase quatro séculos desde a chegada dos espanhóis, os padres jesuítas no início, franciscanos e salesianos em seguida, foram os responsáveis pelo acultramento e pelo ingresso da religião cristã junto ao povo nativo. De acordo com o site de turismo da Província de Neuquén, “Junín de los Andes é a localidade mais antiga da província e seu nascimento remonta a 15 de fevereiro de 1883, quando um forte improvisado foi construído sobre a margem direita do Rio Chimehuin” (MINISTÉRIO DE TURISMO DE LA PROVÍNCIA DE NEUQUÉN, [s.d.], p. [3], tradução nossa)<sup>1</sup>. Atualmente,

<sup>1</sup> “Junín de los Andes is the oldest town in the province, and its creation goes back to 15th February 1883, when a small improvised fort was built on the right bank of Chimehuin River.” (MINISTÉRIO DE TURISMO DE LA PROVÍNCIA DE NEUQUÉN, [s.d.], p. [3]).

Bariloche é o ponto mais desenvolvido, mas o percurso de evangelização deu-se da região norte em direção a esse local, trajeto que corresponde à Rota 40. O ensaio de Dumrauf (2007) dá conta dessa trajetória: “Os primeiros espanhóis que chegaram ao Nahuel Huapi vinham do Chile. Oficialmente se considera o capitão Juan Fernández como o descobridor do lago em 1620” (DUMRAUF, 2007, p. 17, tradução nossa)<sup>2</sup>. A primeira igreja cristã construída em Bariloche foi obra do padre salesiano Zacarías Genghini, designado, nos primeiros anos do século XX, à Missão de Junín de Los Andes (DUMRAUF, 2007). Os registros das memórias dessas missões, conforme pesquisa do autor, relatam que, nessa ocasião, Bariloche contava com três casas e algumas tendas de índios. Porém, gradualmente, a região foi tornando-se mais importante, principalmente entre os anos 30 e 40, com a construção das escolas, do primeiro hospital e da chegada da ferrovia (em 1934) que realizaria um grande sonho local: unir o Atlântico com a Cordilheira, abrindo a grande rota do turismo para os lagos.

Esse breve contexto histórico permite-nos destacar que o entorno de Junín de Los Andes, mais remoto que Bariloche, foi de certo modo preservado ambiental e culturalmente, o que explica grande parte do sincretismo explícito e mantido na construção da *Santuario Nuestra Señora de las Nieves y Beata Laura Vicuña*, nosso objeto de estudo. Diante disso, pergunta-se como o sincretismo entre os elementos de linguagem que formam a expressão desse espaço homologa o sincretismo religioso resistente nessa região e suas práticas.

A partir de observação participante, da qual alguns registros fotográficos são abordados, destacamos os elementos das diversas linguagens que permitem compor o espaço, relacionando-as com os significados e as práticas religiosas locais. No espaço arquitetônico dá-se a reunião de matérias, visualidades, formatos e palavras distribuídos topologicamente de modo a construir um todo de sentido. A complexidade do espaço, em análise mais profunda, se dará pela homologação desses elementos com os sentidos que convocam, desde os componentes simbólicos distribuídos até a mistura de figuras de sentido que ressignificam a prática religiosa local.

A fundamentação teórica sobre a qual desenvolve-se a análise é a semiótica discursiva de Algirdas Julien Greimas e Joseph Courtés, no conceito

---

<sup>2</sup> “Los primeros españoles que llegaron al Nahuel Huapi provenían de Chile. Oficialmente se considera al capitán Juan Fernández como el descubridor del lago em 1620.” (DUMRAUF, 2007, p. 17).

de semissimbolismo e seu mais recente desdobramento na sociossemiótica, cujos autores mais relevantes serão Jean-Marie Floch e Eric Landowski, respectivamente. Erigida como teoria da significação, a semiótica oferece, no seu escopo, a metodologia de análise que permite abordar o objeto não apenas em sua manifestação linguística, mas como um todo de sentido, envolvendo as interações que esse espaço do santuário sustenta entre os sujeitos que nele relacionam-se.

Objetiva-se explicitar a riqueza desse objeto histórico em cuja espacialidade subsistem elementos de importantes culturas, dando a ver a manifestação da miscigenação latina em práticas de vida cotidiana. Enquanto elemento de comunicação, a potencialidade da teoria semiótica para suporte de estudos do espaço físico.

### **Junín de los Andes, Nuestra Señora de las Nieves e Laura Vicuña**

O site de informações turísticas InterPatagonia, ao explicar a origem de Junín de los Andes, oferece uma boa pista para a nomenclatura dada ao povo de origem, os mapuches: “Suas origens remontam à época pré-hispânica, quando povos mapuches e tehuelches compartilhavam esses imensos espaços naturais, vivendo dos produtos que lhes outorgava a natureza e rendendo tributo à ‘mapu’ (terra) e a ‘Nquenechén’ (Deus) pelos dons que ano após ano, recebiam de sua benevolência” (INTERPATAGONIA, [s.d.], p. [1], tradução nossa)<sup>3</sup>.

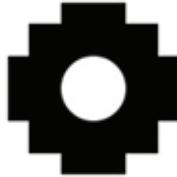
Os mapuches, nessa forte ligação com a natureza, guardavam diversos símbolos das dádivas recebidas: os animais sagrados, os cereais, a terra, o fogo, a água, o ar e o principal deles, a cruz andina (Figura 2) que possui quatro lados simétricos, com três divisões cada, como uma escada:

Estas partes simbolizam as quatro estações do ano, os quatro elementos fundamentais, e os quatro pontos cardeais. Os quatro elementos fundamentais da vida (terra, água, fogo e ar) representam os quatros filhos do Deus criador do Universo. Ao todo, a cruz Inca possui doze pontos, cada um dos quais divididos em terços, os quais possuem um significado organizado do seguinte modo: três mundos: o mundo inferior, que é o mundo dos mortos; o mundo

---

<sup>3</sup> “Sus orígenes remontan a la época prehispánica, cuando pueblos mapuches y tehuelches compartían estos inmensos espacios naturales, viviendo de los productos que les otorgaba la naturaleza y rindiendo tributo a la ‘mapu’ (tierra) y a ‘Nquenechén’ (Dios) por los dones que año tras año recibían de su benevolencia” (INTERPATAGONIA, [s.d.], p. [1]).

que vivemos, que é o mundo dos vivos; e o mundo superior, que é o mundo dos espíritos; três animais: cada um desses três mundos citados acima são representados por um animal [...] serpente, [...] puma, e [...] condor; três afirmações: eu trabalho, eu aprendo, e eu respeito; três condutas: não roubar, não mentir, não ser preguiçoso (DICIONÁRIO DE SÍMBOLOS, [s.d.], p. [1], on-line).



**Figura 2:** Cruz andina (ou inca)

Fonte: Dicionário de símbolos, [s.d.].

Tais valores seguem vivos, porém mesclados aos elementos simbólicos cristãos, adquiridos por meio da colonização espanhola na região. Embora os registros de sites de recepção e de cultura argentinos (WELCOME ARGENTINA, [s.d.]) informem que os primeiros dados sobre Junín de los Andes sejam de 1882, quando ali chega o exército, e em 1892, quando instala-se a missão salesiana, a pesquisa de Dumrauf (2007) aponta dados de passagens de missões nas proximidades do lago Nahuel Huapi desde meados do século XVI.

No vilarejo de Junín de los Andes, é proeminente a história da menina Laura Vicuña que terá seu nome adicionado ao Santuário que analisamos, no papel de beata. A menina, segundo a história contada no local e pelos registros oficiais salesianos, é nascida no Chile, em família aristocrata que se refugiou na região andina, à época de uma revolução. Após a morte do pai, teve uma infância de sofrimento partilhado com sua mãe, ambas maltratadas pelo padrasto. Laura estudou no colégio das Filhas de Maria Auxiliadora. Dedicou seus votos e sua morte certa por doença à conversão da sua mãe que era julgada pecadora em função do segundo casamento. A menina faleceu aos 13 anos, em 1904 e foi declarada beata pelo Papa João Paulo II em 1988, conforme registros dos salesianos (SALESIANOS, [s.d.]; ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO, [s.d.]).

Entre o falecimento da Laura e a sua beatificação por Roma é que os fatos locais tomam corpo e significado que serão impregnados às paredes

e ao interior da igreja que estudamos. Em 1945 acontece a fundação da Municipalidade de Junín de Los Andes, considerada por isso a primeira cidade oficial da província de Neuquén. Poucos anos depois, é colocada a pedra fundamental da *Parroquia Nuestra Señora de las Nieves* e somente em 8 de dezembro de 1999 é inaugurado o *Santuario Nuestra Señora de las Nieves y Laura Vicuña*. A devoção local a Laura é atribuída à fé que lhe detinham os moradores e a milagres a ela atribuídos. O maior exemplo teria sido a cura da religiosa Ofelia Lobos Arellano, gravemente doente e que, quando lhe deram poucos meses de vida, teria pedido a intercessão de Laura e por ela se curado, em 1955. A origem mapuche de Laura e sua celebração católica a instauram como símbolo central do sincretismo religioso, a quem adiciona-se a presença de Nossa Senhora das Neves. A Virgem das Neves já era venerada na região dos lagos, em outros pontos:

Em agosto de 1942 o tenente coronel Napoleón A. Hirsuta, chefe da Agrupação Militar de Bariloche, e seus acompanhantes salvam prodigiosamente suas vidas em um acidente. Atribuíram sua salvação à proteção da Virgem e como testemunho de agradecimento fizeram a promessa de habilitar à veneração pública uma gruta nas imediações dos quartéis... a gruta se encontra à beira do caminho que vai ao Tronador e El Bolson, perto do lago Gutiérrez, frente a majestosa e esplêndida beleza da paisagem andina que tem por fundo o Cerro Catedral (DUMRAUF, 2007, p. 121-122, tradução nossa)<sup>4</sup>.

Além da gruta, há diversas igrejas dedicadas à Virgem na Argentina (e no mundo), e ela é considerada padroeira de San Carlos de Bariloche e de Buenos Aires. Nossa Senhora das Neves é uma invocação da Virgem Maria, segundo a Igreja Católica explica na liturgia do santo do dia fornecida no site da Arquidiocese de São Paulo que teria se dado quando um devoto italiano que possuía muito bens havia pedido, em oração, junto com sua esposa, resposta para como empregá-los a serviço da fé, já que não tinham herdeiros (ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO, [s.d.]). A Virgem teria aparecido a ele em sonho, indicando que um monte amanheceria coberto de neve e nele deveria ser construída uma igreja. Tal fato deu-se no verão, em 5 de agosto

---

<sup>4</sup> “En agosto de 1942 el teniente coronel Napoleón A. Hirsuta, jefe del Grupo Militar de Bariloche, y sus compañeros salvaron prodigiosamente la vida en un accidente. Atribuyeron su salvación a la protección de la Virgen y, como muestra de agradecimiento, prometieron abrir una cueva cerca del cuartel para la veneración pública frente a la majestuosa y espléndida belleza del paisaje andino que tiene al fondo el Cerro Catedral.” (DUMRAUF, 2007, p. 121-122).

de 352, no Monte Esquilino, próximo a Roma, onde foi feita a edificação que passou a ser chamada de “Santa Maria Maior”, por ser a mais importante basílica mariana. Assim, Nossa Senhora das Neves também é conhecida como Santa Maria Maggiore. Em Junín de Los Andes, no entanto, sua imagem difere bastante daquela usada na gruta e nas demais igrejas, conforme veremos na análise a seguir.

## **Santuario Nuestra Señora de las Nieves y Beata Laura Vicuña**

A igreja de Nuestra Señora de las Nieves, como também é conhecido o local, é destino turístico recomendado aos visitantes da região que, em geral, partem de Bariloche, passando por San Martín de Los Andes e atravessam a cidade de Junín de los Andes a caminho do Vulcão Lanín, percorrendo a Rota 40, na direção contrária da que teriam tomado os colonizadores vindos do país vizinho.

Em toda a edificação encontram-se símbolos mapuches e cristãos em convivência, mescla e organização. É sobre essa disposição de elementos expressos em linguagens que desenvolvemos a análise, de modo que se possa compreender seu arranjo. A espacialidade manifesta-se sobretudo na linguagem visual, desmembrada em cromatismo, forma e luminosidade. Porém, sua tridimensionalidade torna importante observar a topologia, a proxêmica, a gestualidade e a materialidade dos elementos significantes. Inscrições verbais complementam a cena<sup>5</sup>. Na metodologia de análise emprestada da semiótica, procuramos reter os elementos que formam as isotopias figurativa e temática, homologadas às categorias de expressão que operam em sincretismo. Conforme Greimas e Courtés (2008, p. 467), “são consideradas sincréticas as semióticas que – como a ópera ou o cinema – acionam várias linguagens de manifestação”.

Olhando de fora para a igreja, vemos uma escadaria que se eleva em direção à alta torre, finalizada pela presença da cruz cristã (Figura 3a). A torre, construída em formato de um paralelepípedo elevado e simétrico, marcada por faixas brancas e de colocação azulada, mediadas pelo tom de madeira, reitera o entorno do *céu, lagos e montanhas geladas*, de onde essas cores predominam (Figura 3b). Nas faixas azuladas da torre, há reproduções de grafismos comumente encontrados nas tapeçarias mapuches. Nas faixas

<sup>5</sup> A sonoridade não foi inserida na análise, pois não há registros disponíveis, o que certamente enriqueceria o trabalho.

brancas, há a clara conexão com a neve. Alternam-se, então, as referências de origens das duas santidades que nomeiam o santuário: a Virgem, das neves brancas, e Laura, a menina mapuche.



**Figuras 3a e 3b** – Igreja de *Nuestra Señora de las Nieves*, na cidade de Junín de los Andes, como também é conhecido o santuário. Do lado esquerdo da igreja estão as instalações do Colégio Salesiano.

Fontes: 3a, elaboração própria, e 3b, disponível em: <https://www.welcomeargentina.com/junindelosandes/iglesia-parroquial.html>. Acesso em: 21 jul. 2019.



**Figuras 4a e 4b** – Fachada da igreja de onde vê-se a declaração da missão salesiana e seu posicionamento sobre a meia-abóbada.

Fonte: elaboração própria.

As figuras, na página anterior (Figuras 4a e 4b) abordam no texto sobre a meia-abóbada da entrada, a clara missão empreendida pelos salesianos: “Nossa missão em Junín de Los Andes será como um farol que espalhará sua luz evangélica a centenas de milhares” (ETCHEVERS, [s.d.], p. [2], tradução nossa)<sup>6</sup>. A frase, enunciada na primeira pessoa do plural, exemplifica a sua posição reiterada pela cruz cristã acima da torre e seu propósito como doador da competência da luz sobre um povo que estaria na obscuridade da falta de fé (ou de uma fé equivocada, em sua visão).

Nas paredes laterais, segue-se o mesmo padrão gráfico e cromático. Sobre a base larga, um segundo nível da construção mais estreito abarca vitrais como na maior parte das igrejas católicas. Os vitrais têm a forma de arcos que se encontram no alto, similares à meia-abóbada que abriga a entrada da igreja no alto das escadas e que vão repetir-se nas laterais da entrada, acima da abóbada e nas paredes internas do templo. No final da parede direita, do lado de fora, ao visitar-se o local, vê-se um grande mosaico que forma a imagem do torso da Beata Laura Vicuña (Figura 5a). Sobre a sua face, o vitral que possui elementos mapuches e, acima dele, a pomba, a representação do Espírito Santo.



**Figuras 5a e 5b** – Lateral esquerda da igreja na qual vê-se o mosaico da Laura na parte baixa, o vitral com elementos simbólicos mapuches ao centro e acima a pomba, símbolo do Espírito Santo. Na segunda imagem, um *banner* com a fotografia da Laura Vicuña e do Ceferino Namuncurá, com os dizeres: “Jovens testemunos do Evangelho em nossa terra” (tradução nossa).

Fonte: elaboração própria.

<sup>6</sup> “Nuestra misión en Junín de los Andes es como un faro que expandirá su luz evangélica a centenares de millas” (ETCHEVERS, [s.d.], p. [2]).

Do lado oposto pode-se ver, à distância, o mural construído de modo semelhante ao de Laura, com a imagem do menino Ceferino, jovem de origem local, fiel aos salesianos que faleceu aos dezenove anos de tuberculose e foi beatificado em 2007, de acordo com dados do Vaticano (VILLANUEVA, [s.d.]). A imagem em mosaico da face do Ceferino depara-se com o pátio do Colégio Salesiano, restrito à circulação local *e de difícil visualização por visitantes*, o que conota o privilégio da figura feminina quando comparada com a masculina nos modos de exposição do local. Na Figura 5b, um painel comemorativo lembra as santidades de Laura e Ceferino ao povo local, instaurando Laura na parte superior, mais visível e importante.

Ao entrar pela porta coberta pela semi-abóbada, vê-se outra porta em madeira. Nesse intervalo espacial, dois pontos de devoção, sendo o do lado direito dedicado a Laura e o do lado esquerdo dedicado aos santos católicos não locais (Figuras 6a e 6b).

O espaço do lado esquerdo tem as imagens dos santos em formato pequeno, como ilustra a Figura 6a, na qual a imagem do Cristo crucificado está apoiada de modo a figurar em uma das doze pontas da mandala mapuche que se articula com a cruz andina. A figura de dor e sofrimento do Filho de Deus pela humanidade é englobada na figura, a qual tem em sua definição que os quatro elementos da natureza (ar, terra, fogo e água) são também quatro filhos de Deus.

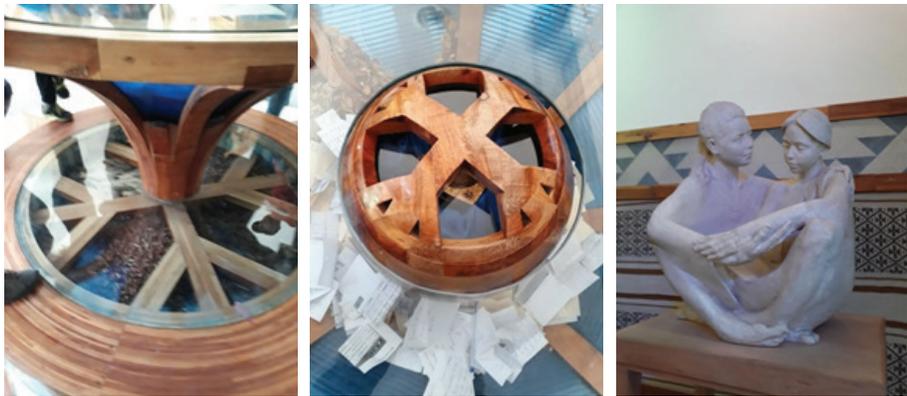


**Figuras 6a e 6b** – Altares dedicados aos santos cristãos tradicionais e à beata mapuche (dos lados esquerdo e direito, respectivamente).

Fontes: 6<sup>a</sup>, da autora, e 6b, site TripAdvisor, foto de viajante enviada por Miguel Angel B. (out. de 2015). Acesso em: 30 mar. 2020.

Do lado direito, há uma mesa em que a maioria dos fiéis devotos pausa sua caminhada antes de entrar na nave e, ao fundo, uma estátua da Laura

abraçada pela mãe (Figura 7c). A mesa dedicada à beata Laura Vicuña está sobreposta à *imagem da* mandala de doze pontas pintada no chão. Sobre ela, uma base redonda coberta por vidro e segmentada internamente por hastes de madeira que formam a cruz andina, no interior da qual veem-se grãos que representam o agradecimento e o pedido pelo alimento na cultura indígena. Dessa base, eleva-se uma mesa com apoio central, em cujo cume está a cruz andina reproduzindo as doze pontas, em formato arredondado e vazado, de modo que os fiéis depositem ali os pedidos à beata. Relíquias de Laura estão inseridas no tampo da mesa, debaixo da cruz, fechadas em vidro (Figuras 7a e 7b). Assim como Cristo crucificado, Laura que também foi sofredora está englobada pela cruz andina e pelos braços da sua mãe.



**Figuras 7a, 7b e 7c** – Base da mesa de devoção à beata contendo grãos, topo com pedidos dos fiéis e relíquia, e representação em gesso da Laura nos braços da mãe Mercedes.

Fonte: elaboração própria.

As três cores (azul, branco e tom de madeira) estão fortemente presentes em toda a instalação, seguindo para o seu interior, dando unidade a todo o recinto, homologando elementos naturais e sagrados: o branco da neve, da pureza e do milagre das neves; o azul das águas geladas, bem como celestial; a cor da madeira, elemento orgânico que está presente tanto na cruz mapuche quanto na cruz cristã.

As portas de madeira nas quais o formato de arco repete-se, na indicação de elevação ao céu, têm maçanetas esculpidas em formato de peixe. A cidade de Junín de Los Andes é conhecida como terra das trutas, peixe que vive em águas muito frias. Então, novamente, como aconteceu

com as sementes, a oferenda e o pedido de uma rica colheita e alimentação reitera-se também pela pesca, com a evocação da natureza como provedora do sustento da população, assim como Cristo que alimentou o povo com pães e peixes na história bíblica.

A conexão entre o interior da igreja e o exterior da vivência local é uma constante, como visto no caso do peixe que repete entalhes que povoam cada rua da cidade, nomeadas, como percebe-se, com os títulos dos militares que atuaram na região (Figuras 8a e 8b).



**Figuras 8a e 8b** – Peixes esculpido em madeira na porta interna da igreja e entalhados na sinalética das ruas da cidade, na conexão entre interior e exterior da igreja.

Fonte: elaboração própria.

Outro fato curioso entre o exterior e o interior dá-se na observação dos vitrais (Figuras 9a e 9b). Quando vistos pelo lado de fora, seu vidro, com a incidência de luz solar, permanece escurecido e destacam-se as ferragens em que se reconhece a cruz mapuche de doze pontas, folhas e hastes, que veneram a conexão com a natureza e a graça aos alimentos por ela fornecidos. Quando observado a partir do lado interno da igreja, sem luz solar, no local dedicado aos santos cristãos europeus (percebe-se, ao fundo, a pequena imagem do Santo Antônio) ou na sua repetição, do lado do altar da Laura, o vitral é percebido nas cores azul, vermelho, amarelo e transparente, o que sugere o acesso aos quatro elementos: água, fogo, terra e ar. Portanto, o fiel, estando fora da igreja, não acede à luz. Dentro dela, em estado de devoção, vê a luz, as cores e os Filhos de Deus.



**Figuras 9a e 9b** – Vitral da fachada ao ser visto pelo lado de fora e a partir do interior da igreja.

Fonte: elaboração própria.

Entrando pela segunda porta, com maçaneta em forma de truta, chega-se à nave da igreja, revelação principal da conexão mapuche e cristã: os arcos indicando o alto, os quais funcionam como sustentação da parte superior, englobam os bancos tradicionalmente instalados e prontos para a celebração de uma missa ou ritual semelhante, em meio a diversos símbolos mapuches (Figura 10).

As paredes brancas, fortemente iluminadas pela entrada natural da luz solar promovida pelos vitrais e pela altura do templo, fazem predominar nesse espaço a ideia de realização das promessas sagradas. Acima e à frente, a cruz andina e o Cristo, o qual *não está crucificado*, mas ressuscitado, em vestes brancas, cujo pé esquerdo está levantado, em indicação de movimento sobre o fundo azul que se pode perceber por meio do seu traje translúcido, como se andasse sobre e tivesse atrás de si as águas citadas na Bíblia Sagrada ou as montanhas de gelo dos Andes.

Nota-se que, atrás de Jesus, a Cruz possui as doze pontas. Na conexão com a cultura cristã e na explicação dada aos turistas locais, afirma-se que essas seriam as doze tribos de Israel, bem como os doze apóstolos do Mestre.

A figura de Jesus reincide na imagem da cabeça do cordeiro aplicada dos dois lados do altar, em branco. O animal, aqui, assume dupla função: metáfora do cordeiro imolado e alimento das tribos mapuches, assim como Jesus alimenta a alma para a fé cristã.

Ao fundo da imagem, vê-se uma faixa vermelha com os dizeres: “Viveu para amar, amou para viver” (tradução nossa)<sup>7</sup>, afirmação que dá conta tanto da biografia de Laura quanto da de Ceferino, ou mesmo de Jesus Cristo, sobrepondo os sujeitos enquanto elementos exemplares de dedicação à vida de pureza.



**Figura 10** – Nave da igreja, em que se vê o local de assistência dos fiéis, o Cristo, o altar, a estátua da Virgem e da Laura, a tapeçaria e as cabeças dos cordeiros.

Fonte: <https://www.welcomeargentina.com/junindelosandes/iglesia-parroquial.html>.  
Acesso em: 21 jul. 2019.

Se o frequentador se posiciona próximo ao altar e volta-se para trás, a imagem do cordeiro reincide em grande proporção e sobre a sua cabeça está a cruz de doze pontas (Figura 11). A boca do cordeiro encontra e penetra a porta central, ponto de convergência de todos que entram e saem do templo.

7 “Vivió para amar, amó para vivir”.



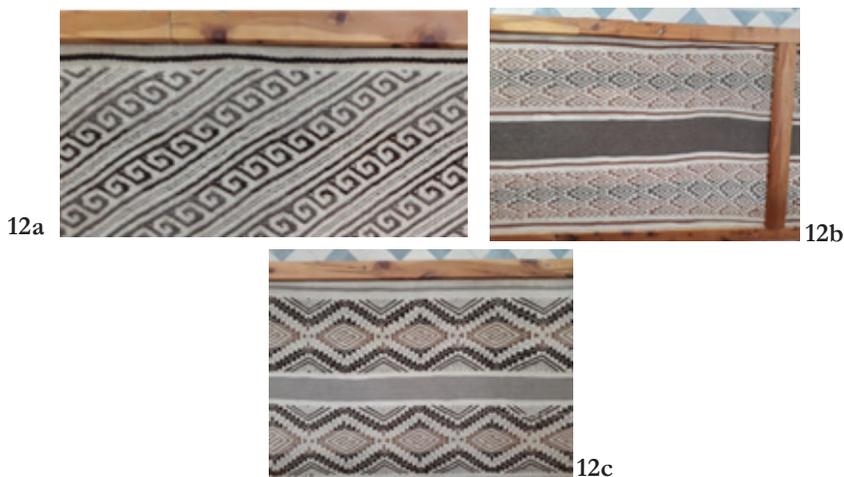
**Figuras 11a e 11b** – Ponto de vista de quem deixa a nave da igreja em direção à saída e, em destaque na Figura 11b, o quadro da Via Crúcis refletindo luz do vitral.

Fonte: elaboração própria.

Ao observar as laterais internas da igreja, tendo como ponto de partida a nave central, são vistos arcos delimitadores, menores do que os centrais, mas reiterando-os assim como aos externos (Figura 11a).

Ao fundo dos arcos, corredores laterais e paredes com uma faixa de tapeçaria sobreposta. A tapeçaria é costume local, obra das mulheres mapuches que nelas inscrevem elementos de devoção, trabalho e hábitos culturais como as águas, os peixes e as brincadeiras infantis (Figuras 12a, 12b e 12c). São essas inscrições que estão repetidas nos mosaicos que formam as faixas azuis do lado de fora e na torre da igreja e no piso de todo o interior do santuário. Acima das tapeçarias, quadros envidraçados com cenas da Via Crúcis finalizam a meia altura das paredes. No bloco mais alto e menos visível, vitrais estampam cenas da vida do beato Ceferino.

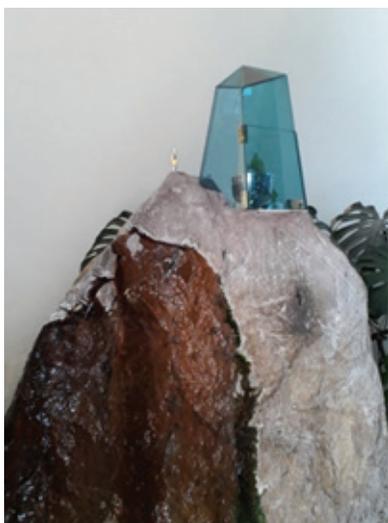
No todo da igreja, as figuras femininas (a Virgem, Laura, sua mãe e as mulheres mapuches simbolizadas em sua arte tapeceira) e masculinas (Jesus Cristo, Ceferino, Santo Antônio) misturam-se no interior do templo, mas as primeiras destacam-se em quantidade, tamanho e distribuição no espaço, pois têm visibilidade e presença privilegiada. Dentre os seres masculinos, apenas Jesus, quando no altar, projeta-se em superioridade às mulheres, centralizado e no alto.



**Figuras 12a, 12b e 12c** – Tapeçarias aplicadas nas laterais da igreja: 12<sup>a</sup>, ondas das águas; 12b, peixes nadando nas águas dos lagos; e 12c, desenho que crianças mapuches fazem na areia para brincadeira local, conforme explicações verbais dadas por guia local na ocasião da visita.

Fonte: elaboração própria.

No altar (Figuras 13a, 13b e 13c), local mais nobre e sagrado da igreja, elementos inusitados para a fé cristã são encontrados: o altar é redondo, sobreposto à cruz de doze pontas ou mandala mapuche; a mesa de celebração do altar instala-se sobre uma rocha em seu formato natural, salientando a importância da natureza nessa cultura. A natureza é venerada ao fundo, na composição que aborda os quatro elementos do culto mapuche, já vistos como filhos de Deus: a terra (marcada pela folhagem e pela rocha), o fogo (protegido pela capa de vidro para que permaneça aceso), a água (que escorre continuamente sobre a pedra) e o ar (presente no entorno). O material orgânico mapuche opõe-se ao sintético ressaltado nas representações cristãs, como no sino instalado em uma lateral, desprovido da função original, como se colocado ali enquanto objeto decorativo ou de memória do trabalho salesiano, tanto de domínio do objeto sintético quando de colonização e evangelização (Figura 13d), tendo ao fundo a tapeçaria em fibras naturais.



**Figuras 13a, 13b, 13c** – Aproximação gradual do altar: na primeira imagem vê-se o formato circular da base do altar, ao centro, uma rocha sustenta a mesa de celebração e, ao fundo, os quatro elementos de veneração da natureza. Na **Figura 13d**, material sintético do sino cristão em oposição à tapeçaria mapuche, em material orgânico das fibras naturais.

Fonte: elaboração própria.

Do lado direito do altar, em uma das extremidades de mandala, as figuras femininas, padroeiras do local, têm seu ponto de destaque (Figura 14): Nossa Senhora das Neves, em vestimentas tipicamente indígenas (assim como seu filho Jesus, acima) acolhe e abraça a beata Laura, ambas pisando sobre a Lua, em sinal de poder sobre a natureza. Tanto Maria quanto seu filho Jesus manifestam-se em gestos de aproximação, ela no abraço e Ele indo ao encontro dos fiéis. Laura, por sua vez, mantém-se dentro do acolhimento de Maria, do mesmo modo que se posicionava nos braços da mãe Mercedes, na entrada da igreja e com suas relíquias inseridas no pequeno altar dedicado à sua devoção.



**Figura 14** – Em destaque no altar, Nossa Senhora em vestes mapuches, com os cabelos soltos e sem véu, abraça Laura com a mão esquerda e abre o braço direito em acolhimento aos fiéis da igreja. Ambas pisam na Lua, ato relacionado ao domínio sobre a natureza.

Fonte: elaboração própria.

## **A estrutura topológica como determinante dos valores na composição sincrética do templo**

Conforme a fundamentação teórica da semiótica discursiva, os níveis do percurso gerativo de sentido sobrepõem-se, consolidando o significado. O mesmo ocorre entre o plano de conteúdo e o plano de expressão. Portanto, um objeto significativo qualquer terá mais solidez quando as homologações entre valores (abstratos) são “discursivizados” em “figuratividade” (elementos concretos) e esse conjunto é sustentado em expressão sincrética de linguagens.

Assim, o que se observa construído no plano de expressão, nas linguagens verbal, visual e material, operando sincreticamente, afirma os valores desse objeto espacial, dando corpo à isotopia figurativa (em símbolos e conteúdos também sincréticos das duas culturas presentificadas no espaço do templo).

Segundo Greimas e Courtés (2008), sobre a homologação no plano de conteúdo:

Pode-se considerar que qualquer categoria semântica, representada no quadrado semiótico (vida/morte, por exemplo), é suscetível de ser axiológica [...]. Tais axiologias (ou microssistemas de valores) podem ser abstratas (vida/morte) ou figurativas (os quatro elementos da natureza, por exemplo): na medida em que se lida aqui com categorias gerais – que, a título de hipótese de trabalho, se podem considerar como universais semânticos – articuláveis sobre o quadrado semiótico, podem-se reconhecer estruturas axiológicas elementares (de caráter abstrato) e estruturas axiológicas figurativas (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 48).

De acordo com Félix Thulerman e Jean-Marie Floch, temos a homologação semissimbólica entre expressão e conteúdo, considerando que se trata, no presente caso, de um objeto cuja significação faz-se pelo processo sincrético:

[...] os sistemas semissimbólicos são sistemas significantes que não se caracterizam pela conformidade entre as unidades do plano de expressão e do plano de conteúdo, mas pela correlação entre categorias que dependem dos dois planos [...] (*F. T*). Um sistema semissimbólico pode realizar-se em uma substância sonora, visual ou outra, como já foi visto; mas outros se realizam em uma semiótica sincrética, em uma pluralidade de substâncias que produzem assim uma sinestesia (*J.M. F.*) [...] (FLOCH; THURLERMAN, 1991, p. 227-229, tradução nossa)<sup>8</sup>.

A análise fez-nos compreender que a topologia dos elementos é regente dos demais sistemas de linguagem que correspondem às categorias do conteúdo em homologação semissimbólica. Posto de outro modo, a disposição

---

<sup>8</sup> “[...] los sistemas semi-simbolicos son sistemas significantes que no se caracterizan por la conformidad entre las unidades del plano de la expresión. Y del plano del contenido, sino por la correlación entre categorías que dependen de los dos planos [...]. Un sistema semi-simbólico puede realizarse en una sustancia sonora, visual u otra, como se ha visto; pero otros se realizan en una semiótica sincrética, en una pluralidad de sustancias que producen así una sinestesia.” (GREIMAS; COURTÉS, 1989, p. 227-229).

dos elementos manifestos em linguagens visual (cromática, eidética, relativa à luminosidade, gestual), verbal, proxêmica e material na topologia da igreja dará base para localizarmos os valores em jogo no sincretismo religioso cristão e mapuche que se realizam nessa expressão.

Dessa colocação, sustenta-se a análise na narratividade que explana as hierarquias entre os sujeitos componentes da miscigenação cultural que perdura nessa localidade, dando a ver a axiologia predominante. A topologia regente que podemos ler nessa enunciação sincrética dá-se pelos termos englobante *vs.* englobado, correspondentes, respectivamente, aos valores cristãos e mapuches, sendo suas nuances parte da junção de símbolos e costumes europeus e locais que possibilitam uma melhor “assimilação do outro” (LANDOWSKI, 2002).

O termo “englobante” resume as categorias da expressão alto, frente, exterior, distante (na proxêmica), iluminado, branco (no cromatismo), sintético (na materialidade), aberto (na gestualidade) e em primeira pessoa (no verbal). O termo “englobado” resume, conseqüentemente, os opostos: baixo, fundo, interior, próximo, escuro, colorido, orgânico, fechado e em terceira pessoa.

Na tabela a seguir, pode-se inferir a sobreposição cristã à cultura religiosa mapuche, ainda que muitos dos seus elementos tenham sido preservados e admitidos (no entanto, em posições intermediárias e submissas), até de modo surpreendente, para um templo católico.

A partir da análise, identifica-se que os valores do colonizador, no recorte religioso da cultura, englobam o local, do mesmo modo que Laura é englobada em todas as suas aparições no templo: pela mãe, pela moldura do mosaico, por Maria, pelo relicário. Essas condições da expressão na linguagem desse espaço homologam a vida de Laura, cuja cultura foi englobada quando da sua conversão e, posteriormente, sua beatificação que a elevam à condição de símbolo sagrado cristão, sem, no entanto, perder as características locais que a tornam tão próxima dos fiéis da região. Na nomeação do templo, Laura está em segundo lugar, e mesmo sua titulação, claro, é menor (beata).

Nossa Senhora vem da Europa abençoar as neves latinas e, assim, acolhe todo o povo, do mesmo modo como abraça Laura e, solícita, acolhe os fiéis que adentram a nave. Da sua história de origem, sobre a montanha italiana até aqui, ela domina a natureza local, tanto do vulcão nevado ao fundo da cidade quanto da Lua detida sob os pés, quando acompanha Laura, já beatificada e sagrada. Seu Filho, acima, igualmente domina as águas.

**Tabela 1** – Organização das linguagens e figuratividade na homologação semissimbólica

Formantes das categorias de expressão	Englobante Valores cristãos	Intermédio Sincretismo religioso	Englobado Valores mapuches
Proxêmica Alto x baixo	Cruz cristã no alto da torre. Acesso à igreja por escadaria que a posiciona no alto em relação à rua. Pomba no alto na lateral da igreja. Maria e Laura sobre a Lua. Jesus sobre as águas.	Cruz andina no alto do altar. Santos cristãos em posições intermediárias. Vitrais de Ceferino no alto, em difícil visualização. Via Crucis na meia altura das paredes. Fiéis ao centro da nave. Escolha de devoção à entrada da igreja, para a esquerda ou para a direita. Cordeiros na parede do altar.	Cruz de doze pontas no chão do altar e abaixo da mesa da Laura. Laura e Ceferino nos mosaicos laterais em parte baixa. Cereais abaixo da mesa de devoção a Laura. Laura abraçada pela mãe, por Maria e dentro da mesa de devoção.
Proxêmica Frente x fundo	Jesus à frente da cruz andina.	Cordeiros na porta de saída da igreja.	Relíquias da Laura no fundo da mesa de devoção. Tapeçaria mapuche ao fundo. Cruz andina atrás de Jesus.
Proxêmica Próximo x distante Global x local	Cruz cristã, pomba, Jesus, santos fora do alcance tátil dos fiéis. Mosaico de Ceferino inacessível aos visitantes, no pátio do Colégio Salesiano. Tradições do Velho Mundo: santos europeus e texto salesiano.	Maria e Laura no altar, em que fiéis raramente aproximam-se.	Relíquias da Laura próximas dos fiéis. Mosaico da Laura visto na lateral direita da igreja. Escultura da Laura e sua mãe ao acesso dos fiéis. Tradições do mundo local mapuche: vestes da Laura, Mercedes, Maria e Jesus.
Proxêmica Exterior x interior	A construção na visão exterior apresenta-se como cristã.	No ingresso à igreja, permite cultos tanto para santos católicos quanto para a beata Laura.	O interior da igreja mantém a estrutura para o culto cristão (entrada, nave, altar). Em pontos mínimos acolhe a cultura mapuche.

Eidético Formas e tamanhos Retilíneo x curvo Grande x pequeno	Elementos grandiosos: estrutura retilínea (torre e escadaria de acesso), bancos alinhados.	Arcos elevam a igreja e os fiéis à visão da parte superior da igreja.	Formatos arredondados e irregulares privilegiam os elementos naturais com símbolos mapuches. Sino pontua o formato arredondado nas marcas cristãs. Elementos mínimos (desenhos dos vitrais e objetos de culto).
Cromatismo e luminosidade Branco x colorido Iluminado x escuro	Vitral escuro por fora, brancas paredes internas da igreja e nas vestes do Cristo ressuscitado, luz mencionada no texto verbal da fachada.	Branco e azul dos mosaicos e igreja, entremeados com a cor da madeira como ponto de sustentação das relações, mesma cor dos bancos nos quais os fiéis assentam-se. Azul como conexão entre elementos naturais: ar, água, neve e céu.	Vitral a partir do interior da igreja iluminado mostra quatro cores representativas dos elementos mapuches venerados.
Materialidade Sintético/trabalhado x orgânico/natural	Torre em pedras recortadas, redoma de vidro, maçaneta e bancos de madeira envernizados e sino dão indício do material natural dominado, sintetizado.	Material sintético do sino (símbolo de ocupação, ladeado pela tapeçaria), fibra natural trabalhada na cultura mapuche.	Pedras do altar em formato natural e elementos naturais, relíquias da Laura e fogo guardados pelo vidro, madeira em conexão com a cidade.
Gestualidade Aberto x fechado	Jesus com pé em movimento em direção aos fiéis, Maria e Mercedes com braços abertos.	Devotos cristãos-mapuches e turistas bem-vindos.	Laura é abraçada, de costas para os fiéis, encolhida nos abraços de Maria e da mãe.
Verbal	“Nossa missão...” em primeira pessoa, identifica o enunciador salesiano da construção e sua posição enquanto destinador doador da competência da luz.	Verbal escrito nos bilhetes privados dos devotos cristãos-mapuches.	“Viveu para...”, em terceira pessoa mantém um enunciador evangelizador.

Fonte: elaboração própria.

Muito embora a intencionalidade salesiana esteja explícita na frase de fachada do templo, sua realização pelos fiéis locais segue segundo a própria regência híbrida, apoiada pela fidelidade à Laurita, como eles a chamam carinhosamente. Chama a atenção, ao visitar a igreja e observar as práticas desses fiéis, o quanto o lado direito da primeira entrada e a mesa de devoção

à beata são os preferidos deles, o que se constata também ao ver a quantidade de pedidos escritos nos pequenos bilhetes que ali são depositados, como partes dos corpos dos fiéis que tocam as partes restantes do corpo da Laura, em união sensível (LANDOWSKI, 2006).

Isso não agride as normas da Igreja Católica, pois esse poder foi confirmado para Laura por Roma (ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO, [s.d.]). Laura, enquanto actante do discurso espacial enunciado, é um ator que perfaz o simulacro do fiel convertido e sancionado pelo poder da Igreja, em uma justificativa plausível sobre a sua proximidade com os crentes, sujeitos que aderiram ao objeto de valor postulado pela instituição, segundo um regime de interação estratégico (LANDOWSKI, 2006) que faz do Destinador o doador de competência, bem como sancionador da performance do destinatário.

Assim, temos uma hierarquia entre regimes de sentido e de interação, em que o regime de estratégia tem por Destinador a Igreja *Católica*, doadora da competência da luz, e por destinatário os fiéis, os quais alcançam o objeto de valor da fé. Como regime subordinado ao primeiro, temos um ajustamento sensível entre Laurita e fiéis, reunidos na mesa sagrada. Ao poder metafísico da Igreja relaciona-se o poder físico de Laura, a sempre presente menina mapuche em sua terra natal.

## **Considerações finais**

A história de Laurita e seu santuário apresenta uma personagem que poderia ser considerada idealista, escondida entre as neves da cordilheira no inverno ou entre os lagos do degelo no verão, e que parece ter algo a dizer-nos sobre admissão, compartilhamento e diálogo na contemporaneidade. Se estivesse em outra localidade, a vida metropolitana e conectada dos grandes centros urbanos, talvez, não permitisse que Laura repousasse em paz em seu santuário de símbolos mapuches tão vívidos, pois, além dos limites da Cordilheira, os conflitos, polêmicas, bolhas e violências parecem estar mais presentes, fazendo saltar as diferenças em vez de conciliá-las para o bem comunitário. No ano de 2018, esse conflito fez-se ver (Figura 15), como relatou a imprensa que, com esses dizeres, acompanhou a foto publicada:

A foto foi tirada no Vaticano. Nela aparece o Papa Francisco diante de uma indígena mapuche, que com suas vestimentas coloridas, parece praticar nele um rito espiritual. Francisco inclina sua cabeça para que a indígena possa colocar suas mãos em seu rosto. Alguns quiseram ver uma forma de bênção ao Papa, ainda mais porque parece que a indígena trata de transmitir-lhe o espírito de seus deuses ancestrais. A imagem foi vista pelas pessoas comuns como um



**Figura 15** – Fotografia republicada no jornal El País, em 12 de janeiro de 2018, às vésperas da visita do Papa Francisco, de nacionalidade argentina, ao Chile.

Fonte: ARIAS, 2018.

gesto de simpatia do Papa Francisco para com todos os indígenas da Terra. Outros, no entanto, entre eles políticos e grupos de católicos conservadores, criticaram o feito, visto como um sacrilégio. Alegam que é a primeira vez que um Papa se deixa benzer por uma seguidora de ritos pagãos. E qualificaram a mapuche de “bruxa”. [...] O Papa argentino apesar de sua simplicidade franciscana, segue sendo jesuíta e, como tal, um intelectual que sabe medir seus atos e adaptá-los aos tempos de hoje. É bem possível que ao abaixar sua cabeça ante à mapuche para que pudesse apertar sua fronte com suas mãos, além de um gesto de carinho com a indígena, o Papa Francisco estivesse enviando uma mensagem, não só religiosa senão também política e social, para o outro lado do Atlântico (ARIAS, 2018, p. [1-3], tradução nossa)<sup>9</sup>.

A pouca visibilidade do *Santuario Nuestra Señora de Las Nieves y Beata Laura Vicuña* pode ser a resposta para o fato de que o lugar continua ativo e belo em seu sincretismo de expressão e conteúdo cultural, pois, ali, o povo local e os poucos turistas não têm interesse em definir uma dominação por qualquer dos lados (apesar de a nossa análise ter

mostrado a supremacia cristã, com certa tolerância aos símbolos da origem indígena). Ao contrário disso, o conforto dos descendentes dos nativos e a curiosidade dos turistas alimentam-se dessa mescla. Da nossa parte, ficamos com Francisco e sua perspectiva de diálogo.

<sup>9</sup> 10 “La foto está tomada en el Vaticano. En ella aparece el papa Francisco ante una indígena mapuche, que con sus vestimentas coloridas, parece practicarle un rito espiritual. Francisco inclina su cabeza para que la indígena pueda colocar sus manos en su cara. Algunos han querido ver una forma de bendición al Papa, aunque más bien parece que la indígena trata de transmitirle el espíritu de sus dioses ancestrales. La imagen ha sido vista por la gente común como un gesto de simpatía del papa Francisco hacia todos los indígenas de la Tierra. Otros, sin embargo, entre ellos políticos y grupos de católicos conservadores, han criticado el hecho, visto como un sacrilegio. Alegan que es la primera vez que un Papa se deja bendecir por una seguidora de ritos paganos. Y han calificado a la mapuche de “bruja”. [...] El Papa argentino además de su sencillez franciscana, sigue siendo jesuita y, como tal, un intelectual que sabe medir sus actos y adaptarlos a los tiempos de hoy. Es muy posible que al bajar su cabeza ante la mapuche para que pudiera estrechar su cara con sus manos, además de un gesto de cariño hacia la indígena, el papa Francisco estuviera enviando un mensaje, no sólo religioso sino también político y social, a la otra parte del Atlántico.” (ARIAS, 2018, p. [1-3]).

## Referências

- ARIAS, Juan. **La polémica foto del papa Francisco con una indígena mapuche**. 2018. Disponível em: <https://elpais.com/internacional>. Acesso em: 21 jul. 2019.
- ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO. **Laura Vicuña**. [s.d.]. Disponível em: <https://arquisp.org.br/liturgia/santo-do-dia/laura-vicuna>. Acesso em: 24 fev. 2020.
- \_\_\_\_\_. **Nossa Senhora das Neves**. [s.d.]. Disponível em: <http://arquisp.org.br/liturgia/santo-do-dia/nossa-senhora-das-neves>. Acesso em: 24 fev. 2020.
- DICIONÁRIO DE SÍMBOLOS. **Cruz inca**. [s.d.]. Disponível em: <https://www.dicionario-desimbolos.com.br/cruz-inca/>. Acesso em: 23 fev. 2020.
- DUMRAUF, Clemente Isidoro. **La cruz em lago**: historia de la región del Nahuel Huapi y la labor de los misioneros salesianos. 1. Ed. Buenos Aires: Continente-Pax, 2007.
- ETCHEVERS, Pablo. **Nuestra Señora de las Nieves**. Welcome Argentina, [s.d.]. Disponível em: <https://www.welcomeargentina.com/junindelosandes/iglesia-parroquial.html>. Acesso em: 03 ago. 2023.
- FLOCH, Jean-Marie; THULERMAN, Félix. Verbete *semi-simbólico*. In GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. **Semiótica**: Diccionario razonado de la teoría del lenguaje, Tomo II. Madrid, 1991, pp.227-229.
- GOOGLE MAPS. **Junín de los Andes**. [s.d.]. Disponível em: [https://www.google.com/maps/d/u/0/viewer?mid=1QfTxfK5Swbv971LSC6ewjoZrKaE&hl=en\\_US&ll=-41.44662252427578%2C-71.1920775&z=8](https://www.google.com/maps/d/u/0/viewer?mid=1QfTxfK5Swbv971LSC6ewjoZrKaE&hl=en_US&ll=-41.44662252427578%2C-71.1920775&z=8). Acesso em: 15 jan. 2020.
- GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. **Dicionário de Semiótica**. Vários tradutores. São Paulo: Contexto, 2008.
- INTERPATAGONIA. **Junín de los Andes**: Historia y leyendas. [s.d.]. Disponível em: <https://www.interpatagonia.com/junindelosandes/historia.html>. Acesso em: 23 fev. 2020.
- LANDOWSKI, Eric. **Presenças do outro**: ensaios de sociosemiótica. Trad. Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Interacciones arriesgadas**. Trad. Desidério Blanco. Lima: Universidad de Lima, Fondo Editorial, 2006.
- MINISTÉRIO DE TURISMO DE LA PROVÍNCIA DE NEUQUÉN. **Junín de los Andes**. [s.d.]. Disponível em: <http://neuquentur.gob.ar/pt-br/destinos/junin-de-los-andes/>. Acesso em: 24 fev. 2020.
- SALESIANOS. **Santidade salesiana. Beatos salesianos. B. Laura Vicuña**. [s.d.]. Disponível em: <https://www.salesianos.pt/biografia/b-laura-vicuna/>. Acesso em: 10 ago. 2023.

TRIPADVISOR. **Junín de los Andes**. [s.d.]. Disponível em: [https://www.tripadvisor.com.br/Attraction\\_Review-g316037-d7134657-Reviews-Parroquia\\_Nuestra\\_Sra\\_de\\_las\\_Nieves\\_de\\_Junin\\_de\\_los\\_Andes-Junin\\_de\\_los\\_Andes\\_Prov.html](https://www.tripadvisor.com.br/Attraction_Review-g316037-d7134657-Reviews-Parroquia_Nuestra_Sra_de_las_Nieves_de_Junin_de_los_Andes-Junin_de_los_Andes_Prov.html). Acesso em: 30 mar. 2020.

VILLANUEVA, D. Pascual. **Ceferino Namuncurá (1886-1905)**. [s.d.]. Disponível em: [https://www.vatican.va/news\\_services/liturgy/saints/ns\\_lit\\_doc\\_20071111\\_zefferino\\_sp.html](https://www.vatican.va/news_services/liturgy/saints/ns_lit_doc_20071111_zefferino_sp.html). Acesso em: 23 fev. 2020.

WELCOME ARGENTINA. **Historia de Junín de los Andes**. [s.d.]. Disponível em: <https://www.welcomeargentina.com/junindelosandes/historia.html>. Acesso em: 21 jul. 2019.

Submetido em: 3-5-2020

Aceito em: 21-6-2023